

PARKOUR: DO PRINCÍPIO FILOSÓFICO AO FIM COMPETITIVO

Recebido em: 08/12/2018

Aceito em: 14/10/2019

Dimitri Wuo Pereira

Universidade Nove de Julho (UNINOVE)
São Paulo – SP – Brasil

Tony Honorato

Universidade Estadual de Londrina (UEL)
Londrina – PR – Brasil

José Ricardo Auricchio

Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS)
São Caetano do Sul – SP – Brasil

RESUMO: O *Parkour* é a arte do deslocamento que desde sua origem na França segue princípios associados a melhoria das valências físicas, cooperação, respeito, coragem e superação. Essa pesquisa objetiva identificar os elementos do *Parkour* que permitam reconhecer seu processo histórico no Brasil e que desvende seu modo de ser, para que se possa vislumbrar os rumos da atividade no futuro. Através da história oral de um praticante comparada com a pesquisa bibliográfica verificamos que há uma distância entre o *Parkour* e a Educação Física dissociando a aprendizagem de uma metodologia organizada e da prevenção de lesões. Além disso, a filosofia original está sendo contestada pelo princípio Olímpico da competição, ao qual o *Parkour* sempre se colocou contra.

PALAVRAS-CHAVE: *Parkour*. História. Educação Física e Treinamento. Competição.

PARKOUR: FROM PHILOSOPHICAL PRINCIPLE TO THE COMPETITIVE END

ABSTRACT: Parkour is the art of displacement that since its origin in France follows principles associated with the improvement of physical valences, cooperation, respect, courage and overcoming. This research aims to identify the elements of Parkour that allow to recognize its historical process in Brazil and that unveils its way of being, so that one can glimpse the directions of the activity in the future. Through the oral history of a practitioner compared to the bibliographical research we verified that there is a distance between Parkour and Physical Education dissociating the learning of an organized methodology and the prevention of injuries. In addition, the original philosophy is being challenged by the Olympic principle of the competition, which Parkour has always pitted against.

KEYWORDS: Parkour. History. Physical Education and Training. Competition.

Introdução

O *Parkour* é uma prática contemporânea com valor significativo no modo como o ser humano se relaciona com a natureza, a cidade e as pessoas. Isto se dá pela filosofia que o produziu, sendo uma atividade de domínio do corpo e de suas potencialidades para desafiar o ambiente de forma eficiente, transgressora, emocionante e estética. Sua concepção, na periferia de *Lisses*, na França, por jovens que buscavam a diversão e o companheirismo como forma de enfrentar as agruras da sociedade regradada, o tornaram uma atividade com alguns princípios básicos, como: a transmissão voluntária do saber aos menos experientes, a não comparação dos feitos de um sobre o outro, a tentativa de auto superação constante, o fortalecimento corporal para ajudar o próximo, a melhoria da confiança para atingir a precisão do controle do corpo sobre o espaço. Estas bases apresentam-se contrárias à maioria das práticas motoras difundidas, principalmente, no mundo ocidental, no qual o desempenho corporal é sempre enaltecido na forma de competição e de valorização da beleza corporal (STRAMANDINOLLI; REMONTE e MARCHETTI, 2012).

O surgimento do *Parkour* no mundo remete ao herbertismo, isto é, Georges Herbért, oficial da marinha francesa, desenvolveu no início do século XX um método ginástico inspirado na filosofia de Rousseau, em que a melhoria das valências físicas se associa aos valores morais de cooperação, respeito, coragem e superação (SOARES, 2015). Criado a partir do herbertismo, o oficial Raymond Belle, do exército francês, aprende o *parcours du combattant*, um treinamento em forma de circuito que o prepara para as incursões militares na guerra do Vietnã. Após esse período, retornando à França,

se torna membro do corpo de bombeiros e usa suas habilidades a serviço do salvamento de pessoas, sendo condecorado por isso, mostrando a união de eficiência do uso do corpo em função do bem comum. O corpo configura-se como um instrumento de utilidade e altruísmo como pensara Georges Herbért (STRAMANDINOLI, REMONTE e MARCHETTI, 2012).

Contudo, o *Parkour* é criado pelo filho de Raymond, David Belle, que juntos com o amigo Sebastian Foucan, com seus primos e outros jovens do subúrbio de Paris, recebem os ensinamentos de Raymond e reúnem-se para desafiar seus corpos na arquitetura de muros, telhados, prédios, escadas, corrimões e outros obstáculos que podiam ser ultrapassados com eficiência e persistência, tendo como meta serem mais capazes de se superar e de ajudar a quem precisar de socorro (LORDÊLO; DIAS JUNIOR e MORSHBACHER, 2012). Ou, numa outra linguagem, a de Georges Herbért, ser forte para ser útil é um dos valores morais dos *traceurs*, os praticantes de *Parkour* (FERNANDES e GALVÃO, 2016). Sendo assim, David Belle e seu grupo, o *Original Traceur*, denominaram o *Parkour* como a arte do deslocamento numa atividade de ultrapassar um percurso (*parcours*, em francês) de obstáculos. Essas pessoas traçam caminhos pelo espaço da cidade em que vivem, que se transforma em um lugar de experiência significativa do sujeito, revelando a complexidade da relação corpo sociedade.

Carvalho e Pereira (2008) perceberam no *Parkour* um fenômeno cultural no qual seus praticantes creem em seus corpos como instrumentos de liberdade, para reconfigurar a paisagem urbana, por demais ordenada, fugindo das amarras do esporte institucionalizado. Pode se dizer que ele não é um esporte, por sua exclusão do princípio competitivo. E neste sentido, desde os primórdios do nascimento desta cultura corporal,

já se perguntavam os autores citados, o que ocorreria quando houvesse pressão para conformar o *Parkour* aos ditames da sociedade capitalista, do esporte de rendimento, da institucionalização das regras, da explosão na mídia formal (jornais, televisão, rádio) e informal (internet e redes sociais) quando os movimentos incríveis produzidos por esses traceurs fossem vistos por muitas pessoas e elas se interessassem efetivamente pelo *Parkour*?

Existem movimentos que são relacionados ao *Parkour*, como saltos laterais com uma ou duas mãos, saltos frontais, movimentos de queda com flexão de joelhos e rolamentos para os amortecimentos, escaladas, entre outros que podem ter nomes diferentes dependendo de onde são praticados. Esses movimentos visam a eficiência do deslocamento, mas não são habilidades fechadas, pois em geral há grande variação dos ambientes em que são praticados (STRAMANDINOLI, REMONTE e MARCHETTI, 2012).

Pelo período em que surgiu, o *Parkour* difundiu-se atrelado à tecnologia pelo mundo. Filmes como *13º Distrito* (estrelado por David Belle) e vídeos veiculados pela internet (*Youtube, Facebook, Blogs*), principalmente pelo grupo *Yamakazi*, formado por primos e amigos de Belle aos quais ele iniciou na prática, rapidamente, chegaram aos jovens que começaram a praticá-lo incorporando seus movimentos, sua cultura e seus princípios. Para Angel (2011), com auxílio do cinema compartilhado e colaborativo, o *Parkour*, como uma cultura corporal, é um fenômeno multidimensional a ser experimentado como uma arte, treinamento, esporte, conjunto de valores, estado de sentimentos e prática de liberdade no cotidiano urbano sendo uma expressão das manifestações objetivas e subjetivas vividas pelos agentes. No Brasil, o *Parkour* chega, provavelmente, com um grupo paulista de jovens tendo como uma das principais

referências Eduardo Bitencourt, em 2004, logo se tornando uma atividade muito praticada nas grandes capitais e vai recebendo mais adeptos a cada dia (BARROS, 2014). Em 2005, cria-se a Associação Brasileira de *Parkour* como forma de organizar institucionalmente a prática no país.

Como uma atividade de livre expressão, o *Parkour* apresenta-se sem a padronização de movimentos, porém, em alguns locais os fundamentos são valorizados e usados para comparar praticantes, neste caso, alguns praticantes começaram a denominar a atividade como *Freerunning*, para esquivar-se do conceito inicial. Nesta “nova atividade” é permitido inclusive competições com maior nível de racionalização de regras. Para regulamentá-las surge a FIADD – *Fédération Internationale des Arts Du Déplacement* ou Federação Internacional das Artes do Deslocamento e a *World Freerunning and Parkour Federation* ou Federação Mundial de *Freerunning e Parkour*. Este universo gerou uma polêmica na atualidade e o *Parkour* está envolvido em uma celeuma. Trata-se da proposição de inserir o *Parkour* nos Jogos Olímpicos e para atingir esse intento a Federação Internacional de Ginástica, que pretende representar os interesses dos participantes que apostam nas competições, propõe inclusive utilizar outro nome para a modalidade, algo como, circuito de obstáculos (VECCHIOLLI, 2017). Observa-se que os ideais que criaram o *Parkour* são colocados em evidente contradição às intenções do esporte do Barão Pierre de Coubertin marcadamente pela racionalização, mercantilização, profissionalização e espetacularização.

Ao que parece os fundamentos de Georges Herbért, que acreditava que o esporte competitivo trazia a degradação moral do ser humano, ao invés de exaltar suas qualidades altruístas, vai se esvaziando quando se fala nos caminhos que o *Parkour* está percorrendo na atualidade, sendo essa atividade a reinvenção dos ideais herbertianos.

Esta polêmica suscita diversos questionamentos, entre eles: quais princípios norteiam a prática do *Parkour*? Como tem sido compreendida pelos *traceurs* a inserção do *Parkour* como modalidade olímpica? Como a Educação Física, que vê no *Parkour* uma prática corporal, deve se posicionar frente a esta questão? De toda forma, refletir sobre o problema parece crucial para condicionar os rumos históricos da modalidade e dos modos pelos quais os professores de Educação Física irão desenvolver suas atividades de *Parkour* na escola, ou em outros locais.

Questiona-se neste texto quais são os princípios do *Parkour*, no aspecto histórico e filosófico da prática, e como eles se encontram hoje com o *Parkour* sendo sugerido como uma modalidade competitiva. O objetivo desta pesquisa foi identificar os elementos sobre o *Parkour* que permitam reconhecer seu processo histórico no Brasil e que desvende seu modo de ser, para que se possa vislumbrar os rumos da atividade no futuro.

Materiais e Métodos

Estruturou-se em uma pesquisa do tipo bibliográfica sobre o *Parkour* e em uma entrevista com um praticante experiente, caracterizando-se como estudo de história oral pela especificidade que o sujeito pôde trazer em relação ao tema.

A história oral é um método que utiliza depoimentos de memória, considerando discursos do tempo presente como porta vozes de experiências passadas, que ora são evocadas e ora esquecidas. As experiências do passado narradas por um ator social são, segundo Freitas (2006), produtoras de fontes históricas para produção do conhecimento. Para Thompson (1992), as fontes orais produzidas também representam uma possibilidade de dar voz e, sobretudo, de se fazer ouvir pessoas que fizeram e

vivenciaram uma história, mas que estão por contingências do esquecimento a margem da própria história. Assim, para esta pesquisa, o registro da memória de um praticante de *Parkour* foi uma forma de dar visibilidade a um sujeito da história, de produzir fonte histórica e de compreender as bases valorativas da prática social considerando a experiência do outro de perceber e sentir o mundo que se transforma.

Desta feita, a escolha do entrevistado deu-se de forma a garantir subsídios para uma reflexão sobre elementos do processo histórico da modalidade, portanto, uma história oral temática (FREITAS, 2006) marcada pelo registro dos valores orientadores de ser um *traceur*. Elegeu-se um praticante que se desenvolve no *Parkour* desde o princípio da atividade no Brasil. O entrevistado foi D. G. Silva, popularmente e doravante conhecido por *Dash*. Ele nasceu em 1988, aos 15 anos de idade assistiu a um documentário na televisão no *Discovery Channel*, chamado *Jump London*, estreado em 2003, nele pôde conhecer uma nova modalidade em que jovens transpunham obstáculos urbanos com movimentos eficientes e fluídos desafiando a arquitetura da cidade. Morador da maior cidade brasileira em termos populacionais, São Paulo, esse vídeo acabou provocando o seu imaginário e *Dash* começou a vislumbrar possibilidades até então desconhecidas por ele. Eis aí então um dos deflagradores do desejo de *Dash* pela experiência no *Parkour*, por volta de 2003. Registra-se que o participante da pesquisa assinou o TCLE e a pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética da Universidade Nove de Julho sob parecer número 82.781.

Foi realizada uma entrevista aberta com o praticante, cuja pergunta geradora foi: como você começou no *Parkour*? Esta primeira pergunta suscitou dúvidas que se transformaram em novos questionamentos, a saber: como você vê o *Parkour* hoje? Como você vê os eventos de *Parkour* que existem no Brasil e os campeonatos? Como

se forma um profissional de *Parkour*? Qual a relação entre *Parkour* e Educação Física? Você interrompeu sua prática por motivo de lesão alguma vez? O que pensa da proposta de inserção do *Parkour* nas Olimpíadas? Em anexo está transcrição da entrevista como registro de uma produção documental de fontes orais. As respostas, juntamente com as informações coletadas pelas referências bibliográficas que abordam o tema e a reflexão sistemática dos autores, fornecem elementos necessários para traçar um percurso histórico sobre o *Parkour* e seus significados filosóficos.

O Início do Percurso

A sociogênese do *Parkour* na França aconteceu tanto como forma de resistência de um grupo de jovens às condições de existência periféricas e desvalorização social, ao qual estavam imersos, quanto à forte influência que a prática do Método Natural Ginástico e o treinamento do combatente tiveram sobre esse grupo. O esforço libertário do corpo no espaço social opressor que a arquitetura urbana suscita, juntamente com a possibilidade de exprimir-se corporalmente de forma solidária, cooperativa e desinteressada materialmente, são princípios filosóficos fundamentais do *Parkour*. Estes caminham num sentido diferente das práticas corporais voltadas, em sua maioria, à competição e disputa entre os praticantes. Marques (2008, p. 2), ao participar de um evento de *Parkour*, constatou: “O pessoal que organizou o encontro reúne a turma e pede a palavra. Não se trata de instrutores, esclarecem, já que a prática não admite nenhum tipo de hierarquia entre os praticantes. Cada um tem seu tempo e motivos próprios para estar ali, e não para uma competição esportiva”.

De olhar com outros olhos a sua cidade e sua rotina, interagir mais com o meio em que você vive, conhecer um novo ponto de vista, sair

da rotina, olhar para sua cidade e não ver apenas escadas e muros (Dash).

Segundo *Dash*, como um dos primeiros a praticar a modalidade no Brasil, a sua iniciação no *Parkour* estava em consonância com a intencionalidade inicial dos praticantes franceses de aprender com o outro de forma voluntária e o surgimento da internet e das redes sociais favoreceu sobremaneira o crescimento do Parkour sem vínculos com estruturas de poder já estabelecidas na sociedade, ou métodos de ensino tradicional.

Nessa época eu tinha 15 anos, imagina como isso entrou na minha cabeça, na mesma hora já comecei a me questionar. – Como assim? Eu posso usar a escada de outra forma? Eu posso usar os muros de outra forma? Eu posso usar a minha escola, a minha rotina de outra forma? Isso explodiu na minha mente e eu fiquei louco, querendo usar meu corpo e experimentar todas essas novas possibilidades que se abriram na minha mente (Dash).

Observa-se que o *Parkour* o incita a autorreflexão, a repensar os modos como pode deslocar-se no meio urbano e como pode reverter as lógicas de padrão de comportamento. Ocorre que a prática acaba transformando sua relação com o meio e o seu próprio eu quando afirma que o *Parkour*: “*Fez de mim o que sou hoje*” (Dash).

O Traçado do Percurso

O *Parkour* é uma prática recente na sociedade e ainda está em formação, mas como não se organiza como a maioria das práticas esportivas, ele precisa construir suas bases de desenvolvimento de formas diversas do esporte tradicional, isto é, não se pratica *Parkour* em clubes, academias ou ginásios tradicionais, e seus métodos também fogem dos objetivos dessas atividades e da forma como são ensinadas, o que não significa, que não deva existir uma preocupação com o modo como é transmitido, afinal

os modos de fazer são parte integrante da cultura que se cria, se conserva ou se transforma.

Não tem uma pessoa ou grupo ensinando os primeiros passos para o início. Os grupos e academias que existem estão mais preocupados em agradar e fazer mais alunos, só que nem sempre o que agrada é o correto. É preciso muita disciplina para treinar Parkour (Dash).

A fala do entrevistado demonstra que se por um lado não há um padrão sistematizado de ensino, por outro, é preciso encontrar didáticas que respeitem os princípios da atividade. Verifica-se que não há uma organização para o ensino, mas esta falta de projeto institucional contém a vantagem de não enrijecer a atividade e de permitir novos entendimentos do que seja o transpor obstáculos com eficiência.

Você tem que treinar só no chão, para depois de um bom tempo você colocar altura no treino. Para as academias prenderem os alunos, eles colocam os alunos no alto, dessa forma, acabam pulando degraus muito importantes para o desenvolvimento, mesmo tendo um colchão embaixo. Dessa forma, você induz que ela (pessoa) pode e deve fazer mesmo sem colchão, só que a ideia do Parkour é bem maior e mais importante do que pular de lugares altos (Dash).

Aqui, o entrevistado dá indícios de como deve ser pensada a metodologia do *Parkour*. Parece que para desafiar o corpo em obstáculos que contém riscos à integridade física do praticante, o ideal é começar pelos exercícios mais simples e próximos do solo, permitindo ganhar força, flexibilidade, agilidade, coordenação, para somente depois enfrentar obstáculos altos e com maiores perigos. Isso parece não ser respeitado por pessoas que pretendem dar o que o iniciante quer, ao invés, de transmitir aquilo que é mais seguro e que garantirá uma prática sem lesões.

Pereira e Armbrust (2010) propuseram que o ensino do *Parkour* deva ocorrer através de três elementos pedagógicos:

1 - A exploração dos movimentos, de forma livre sobre obstáculos simples e com pouco risco.

2 - A resolução de problemas motores, em que se cria um percurso que deve ser transposto por todos, cada qual buscando seu melhor gesto.

3 -Auto-organização, na qual os alunos criam sua sequência de movimentos e seus obstáculos propondo os desafios uns aos outros.

Alguns professores de Educação Física encontram no *Parkour* uma ferramenta para estimular o desenvolvimento desde a infância e que pode favorecer a melhoria das condições motoras na idade adulta. O fato de trabalhar com habilidades como saltar, correr, rolar, equilibrar e entre outras, leva ao desenvolvimento a partir dos movimentos básicos e uma enorme variabilidade de prática (CARVALHO e VIANA, 2016).

Obstáculos

Quando confrontado com o maior abismo que o *Parkour* enfrenta hoje, o entrevistado mostrou-se crítico ao espírito competitivo que se tenta introduzir entre os praticantes.

Sou contra a competição no Parkour e a grande maioria dos praticantes, de verdade, no mundo, também é contra (Dash).

Como a prática nasceu opondo-se à ideia de comparação entre as pessoas, respeitando suas diferenças e limitações, ele mantém-se fiel à filosofia com a qual se identificou desde o início. Ele aponta que o fato da mídia apoiar esses eventos, e, por esse motivo, agradar a alguns *traceurs*, não é o suficiente para se deixar levar pelo encanto da competição, pois:

Tem muita gente que fala – “nossa deve ter um lado bom. Vamos colocar esse evento junto com a Globo. Vai ter dinheiro no meio, eles vão ajudar nossa disciplina”. Em partes vai ajudar, mas é só naquele momento, porque não tem nada pós evento. Como quando acontecem Olimpíadas, montam um mega estádio, acontecem os eventos e depois? E o pós? Quem vai ficar ali cuidando, quem vai disseminar aquilo para a comunidade? Ninguém. As pessoas vão ver só as Olimpíadas, só a competição, só pessoas que já são treinadas fazendo os movimentos. É o que acontece no Parkour (Dash).

O esporte é na atualidade um enorme negócio que envolve dinheiro, fama, poder, milhões de olhares e a valorização do egocentrismo. Opor-se a essa instituição é remar contra a maré. Mesmo assim, há no discurso de Dash e em outras pesquisas uma ponta de resistência a hegemonia do esporte competitivo. Silva; Costa e Carvalho (2011, p. 122) seguem na mesma linha de raciocínio em relação aos praticantes de *Parkour*: “[...] a despeito da identificação dos adeptos com o estilo esportivo responsável por bilhões de dólares em vendas por todo o planeta – e que faz com que a prática tenha sido incorporada por vários produtos da indústria cultural – a maioria dos praticantes acredita permanecer fiel aos valores que originaram o movimento”.

Sobre a tensão entre o *Parkour* como um estilo de vida avesso à competição, Chagas; Rojo e Girardi (2015) já haviam apostado que a espetacularização e a forte influência da mídia, iriam distorcer os valores iniciais dessa atividade. Mantêm-se um abismo entre a liberdade do movimento e o regramento da prática que nem mesmo os mais experientes e habilidosos praticantes podem ultrapassar. Parece mais fácil saltar no abismo formado entre o topo de um prédio de dez andares e aterrissar com precisão num muro que está a mais de cinco metros de distância apenas equilibrando-se na ponta dos pés do que criar uma ponte entre o espírito livre do *traceur* e as normas do esporte competitivo.

A formação do *Traceur*

Dash insiste no fato do treino ser 90% de exercícios fáceis e com pouco risco e apenas 10% de obstáculos perigosos.

O profissional de Parkour tem que viver o Parkour, ele tem que passar por todos os degraus. Treinar só no chão, voltar sempre para o básico, reciclar sempre seu conhecimento (Dash).

Percebe-se que a exigência física do treinamento não pode levar ao super treinamento, causador de lesões, ou às situações que potencialmente promovam a quedas que geram fraturas ou outras lesões que incapacitem o profissional na sua atividade. Treinar constantemente, respeitando o corpo e as limitações pode prolongar a vida útil do praticante e quem ensina deve carregar essa ideia consigo.

Eu gosto de testar meus limites, botar um pouco de altura. Eu gosto, mas faço muito pouco, grande parte do meu treino é todo na altura do quadril, ombro (Dash).

Neste sentido, a filosofia do *Parkour* aparece de forma contundente e relaciona-se inclusive com os princípios do pensamento mais moderno do treinamento esportivo que evoca a ideia de desenvolver-se mantendo a saúde e qualidade de vida, para que o esporte não gere prejuízos ao praticante no médio e longo prazo.

A ideia principal do Parkour é “Ser e durar”. Ser hoje e durar para amanhã. Quero chegar aos meus 80 anos como um praticante de Parkour (Dash).

O profissional que quiser se dedicar ao *Parkour* deve observar que os benefícios da prática nos aspectos físicos, psicológicos e sociais devem ser duradouros. Portanto, a visão esportiva exclusiva da prática competitiva é criticada pelos praticantes por direcionar a vitória a qualquer preço e isso retiraria dos praticantes sua característica

principal de ser útil a si mesmo e aos outros, ou seja, seu ideal altruísta. Por outro lado, professores de Educação Física encontram no *Parkour* uma ferramenta para estimular o desenvolvimento desde a infância e que pode favorecer a melhoria das condições motoras na idade adulta. Alves e Corsino (2013) revelam que o *Parkour* deve ser incluído nas aulas de Educação Física, porque através das situações problemas criadas pelos obstáculos do meio ambiente, o aluno deverá adquirir competências para agir com eficiência motora, cognitiva e emocional a fim de ultrapassar as adversidades do espaço físico e isso pode colaborar para o fortalecimento da auto estima, auto controle e auto confiança para as situações da vida.

Contudo, a formação do profissional de *Parkour* esbarra na exigência do CREF (Conselho Regional de Educação Física) de que toda orientação de atividade física e esportiva é uma prerrogativa do profissional de Educação Física. O entrevistado cursou a Educação Física por um tempo, mas não se graduou. Ele reconhece a necessidade dos conhecimentos que a Educação Física pode oportunizar ao profissional, mas também aponta que a Educação Física em si, não objetiva o *Parkour* e, conseqüentemente, não garante seu pleno desenvolvimento.

É importante conhecer seu corpo, ter essa noção do movimento, de fortalecimento, do exercício físico que a Educação Física traz. Mas não é só isso que faz o Parkour se desenvolver (Dash).

Ainda podemos considerar que ser um profissional de Educação Física é englobar diversos aspectos do ser humano, que vão além do movimento em si. Contudo, compreender a filosofia do *Parkour* e suas especificidades é fundamental para não se recriar uma cultura a partir dos ideais da formação profissional inicial, respeitando assim a história e as características da modalidade. O profissional de Educação Física

não deve criar uma modalidade esportiva baseada nos movimentos do *Parkour*, ao invés, deve aproveitar tanto os movimentos, quanto os ideais para promover a educação, a saúde e o bem-estar.

Viver o Parkour é muito importante, porque ele não depende só do exercício físico, ele depende do psicológico e dos valores que se desenvolvem com a prática. De você ter disciplina, de você ter um julgamento do que você deve ou não fazer, até onde você tem que ir, ou se realmente aquilo vale a pena fazer, se é necessário (Dash).

As Pedras no Percurso

Como em qualquer atividade de risco, o *Parkour* pode causar lesões. E quando perguntado sobre sua experiência e os acidentes, Dash informou que apenas teve escoriações e machucados que não o impediram de praticar.

As minhas maiores lesões foram na infância antes da prática do Parkour, são lesões de criança arteira. Nunca tive lesões graves. Já bati muito a canela, mas isso não me fez parar. Nunca fiquei mais de três meses parado. A maioria dos praticantes que aprende com o Youtube se lesiona, sem a menor consciência corporal. Os verdadeiros não se lesionam, temos apenas muitas escoriações e calos, que são arrebatados quase sempre no começo (Dash).

Geyh (2006) fez uma análise do vídeo promocional “*Rush Hour*” da BBC, em que David Belle sai do trabalho literalmente saltando sobre os prédios da cidade, para escapar do trânsito. Ele passa por lugares extremamente perigosos e sai ileso. Nenhum arranhão e ainda escapa da opressão da cidade grande que rouba o tempo e a liberdade das pessoas. A autora demonstra que o corpo dele flui pelo ambiente sendo possível brincar com o risco tanto do acidente, quanto da monotonia da vida cotidiana e das inibições que os prédios geram para os seres se locomoverem. O *Parkour* torna-se um instrumento de interação social com o meio que permite dinamizar a vida, tornando o ser líquido em meio a rigidez do espaço urbano.

Dash incorpora o *Parkour*, a partir de suas referências originais, exatamente para estar sempre pronto para a ação, não se deixando imobilizar por lesões que não lhe permitam sentir a cidade e fluir por ela.

Considerações Finais

Desde seu surgimento o *Parkour* segue princípios filosóficos objetivando o bem-estar e a qualidade de vida dos seus praticantes, que treinam suas habilidades motivados pela superação pessoal e sempre incentivados pelos colegas do grupo ao qual pertencem.

Dentro do processo histórico, alguns praticantes almejam que o *Parkour* se torne um esporte de competição, que chegue as Olimpíadas, o que dará maior visibilidade e conseqüentemente trará recursos financeiros para a modalidade, pois o dinheiro é um elemento que move boa parte das pessoas no mundo capitalista. Pode se dizer que o *Parkour*, como outras práticas corporais, também parece se render à força do espetáculo, do entretenimento, da rivalidade, deixando de lado alguns de seus ideais que o fizeram surgir.

Essa atividade se preocupa com a prevenção das lesões, mas não traz de forma organizada uma metodologia de ensino sistematizada e com isso o processo de aprendizagem em grupos de praticantes é diferente de academias, clubes, ou outros espaços de convivência social em que o esporte costuma ser protagonista, levando também professores de Educação Física a ensinar a modalidade, talvez de forma equivocada em relação à filosofia inicial.

Consideramos que sendo o esporte um fenômeno sociocultural, o *Parkour* caminha para um reconhecimento como modalidade esportiva e deve-se então ser

sistematizado à luz da Educação Física, mas sem perder seu contexto histórico e filosófico, pois acreditamos que assim irá se desenvolver e ter cada vez mais praticantes em diversos locais como praças, parques, clubes, condomínios, academias, etc.

Vislumbra-se que em breve ele chegará a ser disputado em uma Olimpíada, afinal a Federação Internacional de Ginástica já criou a Copa do Mundo de *Parkour* a ser iniciada no biênio 2018-19 tendo definido o regulamento, intenções e normatizações das modalidades de velocidade e estilo livre (FIG, 2017).

Encerramos este artigo considerando que a competição será associada ao *Parkour*, tal qual ocorre em diversas outras atividades da cultura corporal. Esse desdobramento aponta uma forte tendência ao conceito de esporte que se construiu na modernidade, com os valores da sociedade capitalista, individualista e globalizante. Assim o *Parkour* esportivizado dimensionará o corpo e suas expressão em interação com as intenções do esporte e talvez suas raízes possam ser mantidas, mas provavelmente muitas de suas teses iniciais serão contestadas e talvez deixadas de lado em poucas décadas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Carla da Silva Reis; CORSINO, Luciano Nascimento. O parkour como possibilidade para a Educação Física escolar. **Motrivivência**. Florianópolis. Ano XXV, n. 41, p. 247 – 257, dez. 2013

ANGEL, Julie Margaret. **Ciné Parkour**: a cinematic and theoretical contribution to the understanding of the practice of parkour. 2011. 226f. Tese de doutorado em Filosofia, Screen Media Research Centre, Brunel University, 2011.

BARROS, Daniel Ferreira. Esportes radicais: o histórico do le parkour e as características dos seus praticantes. **EFDeportes – Revista Digital**, Buenos Aires, ano 19, n.199, dez. 2014. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd199/esportes-radicaais-o-historico-do-le-parkour.htm>. Acesso em: 30 out. 2017.

CARVALHO, Wallace Brehmer Gomes Rodrigues; VIANA, João Batista dos Reis. A avaliação do desenvolvimento da aptidão física através da prática do parkour no âmbito da educação física escolar. **Revista Acta Brasileira do Movimento Humano** – v. 6, n. 2, p. 20 – 33, abr./jun., 2016.

CARVALHO, Rui Gonçalves; PEREIRA, Ana Luísa. Percursos alternativos – o Parkour enquanto fenómeno sub(cultural). **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**. V. 8, n. 3. p. 427 – 440, 2008.

CHAGAS, Raíssa Ramos; ROJO, Jeferson Roberto; GIRARDI, Vania Lucia. O processo de esportivização de uma modalidade: o parkour enquanto prática espetacularizada. **The Journal of Latin America Social-cultural Studies of Sports**. Curitiba. V. 1, n.1, p. 21 – 33, 2015.

FERNANDES, Alessandra Vieira; GALVÃO, Lilian Kelly de Sousa. Parkour e valores morais: ser forte para ser útil. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 28, n. 47, p. 226-240, maio/2016. Disponível em: <http://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2016v28n47p226/31829>. Acesso em: 08 jun. 2018.

FREITAS, Sonia Maria de. **História oral: possibilidades e procedimentos**. 2.ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

FIG – Federação Internacional de Ginástica, 2017. **Rules for the FIG Parkour World Cup**. Series 2018 – 2019. Disponível em: file:///C:/Users/dimitri/Documents/produções/parkour/en_PK%20World%20Cup%20Rules%202018-2019.pdf. Acesso em: 15 set. 2018.

GEYH, Paula. Urban free flow: A poetics of parkour. **Jornal media and culture**. v. 9, n. 3. jul. 2006.

LORDÊLO, Alexandre Francisco; DIAS JUNIOR, Elson Moura; MORSHBACHER, Márcia. Parkour e freerunning: a tentativa de esportivização. **Anais do IV Congresso Nordeste de Ciências do Esporte**. Feira de Santana - BA, setembro, 2012. Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Disponível: <https://cbce.tempsite.ws/congressos/index.php/4conece/ne2012>. Acesso em 30 nov. 2017.

MARQUES, Rafael Adriano. O que é que o Ibirapuera tem? Le parkour e esportes radicais no parque. **Ponto Urbe**. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP. n. 3, 2008. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1839>. Acesso em: 10 jul. 2018.

PEREIRA, Dimitri Wuo; ARMBRUST, Igor. **Pedagogia da Aventura: os esportes radicais de aventura e ação na escola**. Jundiá: Fontoura, 2010.

SILVA, Tatiana Maria Bernardo; COSTA, Alessandra Mello; CARVALHO, José Luis Felício. Resistência ao consumo em um circuito urbano de parkour. **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo. ano 8, vol. 8 n. 22, p. 119 – 146, jul. 2011.

SOARES, Carmem Lúcia. Uma educação pela natureza: O método de Educação Física de Georges Hébert. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.37, n.2, p.151-157, 2015.

STRAMANDINOLI, Ana Luiza Martins; REMONTE, Jarbas Gomes; MARCHETTI, Paulo Henrique. Parkour: História e conceitos da modalidade. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte** – v. 11, n. 2, p.13-25, 2012.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VECCHIOLLI, Demétrio. **Por olimpíada e sem nome, parkour agora é uma modalidade de ginástica**. Blog olhar olímpico, 11 de maio de 2017. Disponível em: <http://olharolimpico.blogosfera.uol.com.br/2017/05/11/por-olimpiada-e-sem-nome-parkour-agora-e-uma-modalidade-da-ginastica/> Acesso em: 05 maio 2017.

Endereço dos Autores:

Dimitri Wuo Pereira
Universidade Nove de Julho (UNINOVE)
Rua Guaranésia 425 – Vila Maria
São Paulo – SP – 02112 -000
Endereço Eletrônico: dimitriwuo141@gmail.com

Tony Honorato
Universidade Estadual de Londrina
Rodovia Celso Garcia Cid. PR 445 km 380
Campus Universitário – Cx postal 10011
Londrina – PR – 86.057-160
Endereço Eletrônico: tonyhonoratu@gmail.com

José Ricardo Auricchio
Universidade Municipal de São Caetano do Sul
Rua Santo Antônio, 50. Centro
São Caetano do Sul – SP – 09.521-120
Endereço Eletrônico: prof.auricchio@hotmail.com